



FIM.

PEDRO LINHARES G. DE SOUZA *



O fim é uma coisa estranha. Para as plantas, o fim do tempo de uma rosa é o sinal de que outra está vindo, outra que esperava pacientemente pela morte de sua antecessora. Para os outros animais, o fim de um é mundano, não muito importante para a vida dos outros. Para os humanos, a morte é trágica, cara, triste e muitos, muitos outros adjetivos desnecessários. Mas, quando chegou a minha hora, sabendo de tudo isso, eu tive medo do fim.

Era noite. Consigo me lembrar apenas disso. O Sol já havia se posto e não havia ninguém nas ruas. As estrelas eram visíveis no belíssimo e negro céu noturno, contrastando com a pouca iluminação vinda das casas e dos postes nas ruas. Eu estava em meu quarto, sentado à minha escrivaninha, de frente para a janela, observando tudo, buscando inspiração na rua escura e deserta, esquadrinhando as casas silenciosas e cheias de pessoas, apertando o lápis no papel sem escrever ou desenhar nada em especial. Apenas a luz amarelo-âmbar de uma luminária tornava a folha e os traços visíveis.

Os outros materiais de gravação, como minhas canetas multicoloridas ou monocromáticas, a pálida e negligenciada borracha de látex branco, o compasso perdido no fundo do estojo, descansavam inutilmente dentro da gaveta debaixo da mesa. O móvel de madeira era uma aquisição recente.

Talvez fossem dez horas da noite. Ou três da manhã. Não importa. Rabiscando a folha de papel desinteressadamente, derrubei o lápis no chão. A madeira sólida quicou repetidas vezes, tilintando conforme seus movimentos se perpetuavam pelo chão, quebrando a extremidade puntiforme em alguns pedacículos de grafite cinza. A vareta rolou para longe de mim rapidamente, como que se quisesse se afastar o mais rápido possível de seu torturador — pois esfregar o rosto de um lápis em uma folha de papel e escrever com sua carne diversas palavras ensanguentadas deve contar como tortura para um objeto inanimado. Talvez.

O lápis foi para baixo da cama. Eu poderia simplesmente tê-lo ignorado e seguido com minha vida normalmente — fazendo-a durar mais com essa atitude —, mas fui tão espontâneo e inconsequente que nem pensei em fazer qualquer outra coisa. Sem que me desse conta, já estava ajoelhado ao lado de minha cama, procurando pelo lápis perdido.

Toda vez que fiquei próximo de uma cama, ou algo que parecia estar flutuando no ar com aquele espaço escuro e vazio por baixo, tive medo de alguma coisa. Eu digo alguma coisa porque não sei o que me fazia sentir tanto medo, medo de que algo terrível, algo horrível aconteceria comigo a qualquer momento, em qualquer lugar, em qualquer parte de minha vida. Talvez fosse meu cérebro me alertando para manter distância de coisas como o espaço vazio debaixo da cama, mas eu não ouvi meus avisos subconscientes; eu precisava do meu lápis, então os ignorei calmamente e me aproximei da cama.

Encostei a orelha esquerda no chão gélido, sentindo um leve calafrio, provavelmente por causa disso, e estiquei o braço direito para baixo da cama, apalpando o ar em busca de algo. A escuridão logo atrás dos cobertores estendidos sobre o leito era invencível. Parecia até que minha luminária estava desligada, coisa que constatei como mentira ao espiar pelo canto de olho a mesa, ponderando se eu não poderia continuar minha atividade com outro utensílio. Com o mesmo movimento rápido dos olhos, dessa vez de volta para o espaço entre a cama e o chão, pensei ter visto alguma coisa, algo digno de minha atenção, mas, logo que propriamente olhei para o vazio, não havia nada lá. Não sei por que comprei um lápis de escrever com tinta preta nas laterais do cilindro de madeira. Poderia ter sido um comum, verde, sextavado, com uma borracha pequeníssima na ponta e que descola nas primeiras semanas de uso, mas escolhi aquele, preto, completa e perfeitamente cilíndrico, sem borracha ou enfeites na outra extremidade. Era difícil discerni-lo em meio a toda a ausência de luz naquele lugar — a sombra projetada pelo meu tronco também não estava ajudando em nada.

Eu teria de achar o tal lápis tateando o fundo, parte por parte, avançando mais e mais a minha mão, espiando vez ou outra quando o contorcionismo corporal me permitiu, fazendo uma busca por varredura — um sistema bastante eficiente. Meu braço já estava quase completamente esticado, porque decidi começar a procurar pelas partes mais próximas do piso primeiro, e nenhum sinal do lápis. Nem da parede, estranhamente, já que, do jeito que eu estava posicionado, com o ombro

* Nascido em 2006, Porto Alegre, SC, escreve semiprofissionalmente desde seus treze anos, dedicando-se a prosa e poesia para jovens e adultos, explorando temas da ficção científica, fantástica e sobrenatural, sempre com um bom senso de humor. Atualmente, vive em Florianópolis, e cursa Cinema na UFSC. E-mail: pedro.linhares.g@gmail.com.

parcialmente debaixo da cama, meu braço deveria alcançar, pelo menos com os dedos bem esticados, a parede — o que me preocupou um pouco, mas não o suficiente para desistir prontamente do que eu estava fazendo. O chão continuava ali, no entanto, reconfortante. Continuei procurando e encontrei algo. O lápis? Certamente, pelo que pude sentir com os dedos. Estiquei-os mais ainda, tentando segurar o objeto e puxá-lo para mais perto, para poder finalmente voltar a rabiscar no papel desinteressadamente. O cilindro fino rolou com dificuldade à ponta de meus dedos esticados, ainda aparentemente relutante, tanto que fiquei debatendo-os nervosamente com o objetivo de girá-lo mais para perto.

Depois de algumas tentativas falhas e mais contorcionismo para entrar mais debaixo da cama, quase concluindo que seria melhor sair dali, levantar-me e arrastar o móvel para o outro canto do quarto, meu dedo médio alcançou o lápis. Bastava puxá-lo para perto, para poder retornar a meus rabiscos anteriores, meus preciosos rabiscos. Fiz força, mas não muita, já que não era um objeto muito pesado e não haveria necessidade de tal ato, mas fiz força. O lápis se moveu minimamente, o que foi estranho, e então se dobrou ao redor do meu dedo e segurou minha mão firmemente.

Congelei no mesmo instante. O que poderia ser aquilo? A cauda de um rato? Uma lagartixa pequenina que não queria me causar mal algum? Seria algo vivo mesmo? Por que não parecia estar se movendo tanto quanto um ser vivo comum? Por que parecia com algo putrefato e antigo? Por que estava segurando minha mão, no fim das contas? O que ganharia com isso? Comida? Viraria eu comida de uma criatura que morava sob a minha cama durante todo esse tempo, desde que eu comprara o móvel? Tentei puxar meu braço para longe dali, desesperadamente, mas o que quer que fosse aquilo continuou me segurando — não deixaria a comida se afastar, de forma alguma. Talvez eu fosse saboroso mesmo...

Um a um, dedos de uma mão com dedos demais para parecerem com qualquer criatura imaginável foram se prendendo ao redor dos meus dedos e de meu pulso, multiplicando-se a cada segundo e apertando cada vez mais. Era questão de tempo até que conseguissem me puxar completamente para baixo da cama, algo que tentavam com bastante veemência, força e persistência. Não havia escapatória, não haveria forma de sair ileso.

Debati-me, com medo, com mais medo do que já senti anteriormente em toda a minha vida, arregalando os olhos e franzindo toda a minha testa em uma expressão de pânico que seria digna de ganhar o prêmio de melhor atuação de qualquer premiação cinematográfica, tentando alcançar algo para libertar minha mão, tentando golpear a criatura com meu outro braço, socando-a e a empurrando para longe, agarrando-me aos pés da cama quando nada mais parecia adiantar para me safar do que quer que fosse aquilo — meu último ato.

A mão estranha me puxou, quebrando a madeira da cama que estava no caminho, juntamente com meus ossos, desmembrando-me assim que entrei completamente na escuridão. Minha escápula certamente seria visível, caso tivesse tido coragem de olhá-la naquele momento. A adrenalina do medo e do pânico não me permitiu sentir toda a dor que eu deveria sentir, mas o que passou pela barreira química foi suficiente para me calar por alguns segundos.

Eu ainda estava vivo, mas sabia que seria meu fim. Algo ria agudamente debaixo da minha cama. Eu não conseguia enxergar nada com clareza naquele momento, mas tinha certeza de estar cercado por alguma coisa. Havia algo ali, por toda parte, como se cobrisse as paredes de uma sala secreta, cuja entrada ficava escondida debaixo do meu colchão. Nem mesmo a luz da luminária chegava ali com toda sua graciosidade plena, para me iluminar o caminho, para me mostrar o que era meu adversário e, talvez, porque me queria tanto.

Sem saber se eu estava caindo ou apenas flutuando inerte em MRU, não consegui avistar com certeza aquilo que produzira a risada que ouvi, nem mesmo partes inteiras de seu corpo; apenas pedaços disformes eram visíveis vez ou outra, alternando fluidamente em tons de preto, vermelho e branco, rodopiando ao meu redor como se fossem pedaços de tecido rasgado soltos ao vento, envoltos em uma neblina densa e negra.

Talvez fossem dentes brancos aquelas coisas lustrosas e pontiagudas que se aproximavam, mas então a boca da criatura deveria ser gigantesca, para comportar todos aqueles exemplares odontológicos. Talvez fossem lábios aquelas formações enrugadas que pareciam circundar os dentes do ser, mas então sua face teria proporções enormes. Talvez fosse um olho aquilo que me encarou profundamente, sem que eu visse, apenas sentisse, durante muito tempo, mas então a coisa em si seria astronomicamente colossal.

Nunca acharam o meu corpo.

